

# **O papel da Memória Social no contexto multiétnico e intercultural do Quebec, na ótica de Jocelyn Létourneau**

## **The role of social memory in multi-ethnic and intercultural context of Quebec, in the view of Jocelyn Létourneau**

Zilá Bernd<sup>1</sup>

*Submetido em 25 de março e aprovado em 27 de março de 2014.*

**Resumo:** O artigo visa a destacar a importância e o impacto das ideias do sociólogo e historiador Jocelyn Létourneau, da Universidade Laval, para pensar as relações entre a Memória Social e a identidade quebequense. Apontar como o pensamento de Fernand Dumont ilumina a trajetória intelectual de Létourneau, levando-o a refletir sobre a sociedade quebequense contemporânea como lugar de reinvenção “[...] de uma nova relação com a cultura, como memória e como horizonte” (LÉTOURNEAU, 1998, p. 381).

**Palavras-chave:** Memória Social. Horizonte cultural. Interculturalismo. Identidade quebequense.

**Abstract:** The paper aims to highlight the importance and impact of the ideas brought forward by the sociologist and historian Jocelyn Létourneau, from Laval University, for one to think about the relationship between social memory and Quebecois identity. It also aims to discuss how Fernand Dumont’s thinking illuminates the intellectual history of Létourneau, leading him to reflect upon the Quebecois contemporary society as a place for the reinvention “[...] of a new relationship with culture, as memory and horizon” (LÉTOURNEAU, 1998, p. 381).

**Keywords:** Social Memory. Cultural horizon. Interculturalism. Quebecois identity.

C’est grâce à la culture que l’humanité se déprend de la répétition monotone à laquelle est vouée la condition animale, qu’elle s’inscrit dans une histoire où ses actions se prêtent à une accumulation des œuvres et à un surplomb de devenir. Voilà pourquoi elle pose, comme enjeu primordial, le problème de la mémoire. (DUMONT apud LÉTOURNEAU, 2000).

## Fernand Dumont, *un maître à penser*

Fernand Dumont (1927-1997) publicou um pequeno livro com um título intrigante: *O futuro da memória* (*L'avenir de la mémoire*, 1995) alguns anos antes de sua morte. O que o torna intrigante é o fato de pensarmos, em geral, na memória como herança do passado, enquanto Dumont, sociólogo cuja nomeada ultrapassa as fronteiras de seu país natal, o Quebec, propõe-se a interrogar o futuro do Quebec ao mesmo tempo em que evoca seu passado. Para esse sociólogo, a luta contra a amnésia no Quebec passa por duas vias abertas à memória: 1) a reconstituição da história onde predomina a prova, a verificação; 2) “[...] o recurso à tradição que, sem credulidade beata às lendas, depende, sobretudo, de minha pesquisa do sentido, de minhas solidariedades e de minhas recusas” (1995, p. 58, tradução nossa). Dessas duas opções, Dumont afirma que ambas podem ser aceitas, o que determinará construções identitárias renovadas. Lembra também que tradição e saber histórico impõem responsabilidades. Quais são estas responsabilidades de que nos fala o sociólogo? As de transformar o passado (saber histórico e tradição) em futuro; de utilizar os vestígios memoriais de todo gênero (inscritos em lendas e em saberes históricos) para iluminar o presente, o que permitirá a abertura da passagem ao futuro.

Iniciamos falando de F. Dumont porque, em certa medida, as assertivas de Jocelyn Létourneau representam um *continuum* em relação às pesquisas desse eminente sociólogo da cultura, que tem fertilizado os estudos de toda uma geração no contexto quebequense. Note-se, nas proposições desses dois sociólogos da cultura, a necessidade de integração de elementos aparentemente contraditórios como tradição e saber histórico, mito e ideologia, ou seja, construções memoriais na perspectiva da possibilidade de extrair – dessa relação com o contraditório – um novo sentido e um novo futuro para a sociedade. Como já escreveram os poetas, o “*Québec est un pays uncertain*”, logo, as tentativas de rever a memória ancestral para esclarecer o presente e talvez o futuro dessa nação continuam não só atuais como fundamentais em uma sociedade onde a questão de pertença ainda se põe como problema.

Jocelyn Létourneau, em *Passar para o futuro* (*Passer à l'avenir: histoire, mémoire, identité dans le Québec d'aujourd'hui*, 2000), retoma, em capítulo intitulado “*Pour une révolution de la mémoire collective*”, um artigo publicado em 1998: “*Impenser le pays et toujours l'aimer*” onde faz a defesa da

necessidade de refletir “[...] *en marge de l’histoire pensée et peut être pensable du pays auquel il appartient*”<sup>2</sup>: o Quebec (LÉTOURNEAU, 1998, p. 364). Tal afirmativa equivale a pedir para que os intelectuais assumam seu papel de participar da construção da consciência histórica, sobretudo no âmbito do que chama *les petites nations*, tais como a província do Quebec, que, não sendo um país, é uma nação no sentido de possuir língua e identidade próprias. O autor rompe com uma linha de pensamento de historiadores contemporâneos, sobretudo Gérard Bouchard, cujas teses, tendendo ao nacionalismo, são aceitas por uma maioria de intelectuais e também de cidadãos, sem discussão. Assume, desta forma, o papel de criticar os modelos interpretativos que se dão a ler como grandes sínteses ou grandes narrativas unificadoras. Autoproclamando-se crítico do projeto bouchardiano que, segundo ele, não é capaz de articular a lembrança (*souvenir*) ao devir da coletividade quebequense de ontem e de hoje, propõe-se a “repensar” (*impenser*) seu “país”.

### **Pensando a Memória Social no Quebec e no Canadá: temáticas recorrentes**

Jocelyn Létourneau é um intelectual infatigável e abordar o conjunto de sua produção intelectual constitui-se em tarefa imensa dado o grande número de obras e artigos publicados. Pretendemos, no âmbito deste artigo, destacar o impacto de suas ideias para a construção (e a desconstrução) da Memória Social no contexto do Quebec, sociedade multiétnica, plurilíngue e multicultural. O interesse é destacar a importância de suas pesquisas para uma melhor compreensão da realidade quebequense e também canadense já que é impossível pensar o Quebec e suas especificidades fora de suas relações com o Canadá.

### **Questões identitárias**

Professor titular do Departamento de História da *Université Laval*, Jocelyn Létourneau é também membro do CELAT (*Centre interuniversitaire sur les Lettres, les Arts et les Traditions*) o que o leva a abordar praticamente todos os campos das Ciências Sociais. Nesse sentido, já em 1994, no coletivo *La question identitaire au Canada francophone*, ele aborda o tema do identitário como questão fulcral na província do Quebec, chamando a atenção para algo que ainda hoje é preocupação de todos aqueles que,

em diferentes áreas, estudam a questão das identidades: como situar o estudo das identidades na contemporaneidade em países ou coletividades marcadas pelo heterogêneo, pelos trânsitos e migrâncias, que fazem coabitar em um mesmo espaço indivíduos das mais diversas procedências étnicas e linguísticas? Quais os cuidados que os pesquisadores têm que tomar quando falam de identidades nacionais? Nesse caso, Létourneau aponta para duas perspectivas para o estudo das identidades: a) enquanto narrativa que busca recuperar a tradição e se enraizar no espírito das comunidades em processo forçosamente homogeneizante; b) enquanto “poética da condição individual” em busca da construção identitária no respeito à diversidade e à alteridade. Em suas publicações percebemos uma visada sobre o identitário como processo contínuo de negociação em função das expectativas do Outro. Três desafios se põem para a pesquisa sobre identidades em estados-nação contemporâneos e sobretudo no Canadá: a interpenetração cultural, devido aos fluxos migratórios e aos fenômenos de globalização; a tentativa de reconciliar horizontes aparentemente divergentes da cidadania, da nacionalidade e da etnicidade e, finalmente, os processos e transculturalidade que obrigam o pesquisador a uma abertura em direção a “pertencas heterogêneas” (Cf. LÉTOURNEAU, 1994, p. XI).

### **Manipulações da Memória e da História**

Em um capítulo intitulado “A historiografia como espelho, eco e narrativa do ‘*nous autres*’”, Létourneau (JEWSIEWICKI; LÉTOURNEAU, 1996, p. 25-44) revisa a historiografia relativa ao Quebec, do descobrimento por Jacques Cartier em 1534, à colonização francesa e, posteriormente, a invasão inglesa e suas consequências, apontando para um certo *repli* (fechamento sobre si mesmo) identitário, representado pela automeação de “*Nous autres, les Québécois*”<sup>3</sup>. O pesquisador da Universidade Laval (Quebec) chama a atenção para o fato de que a representação da historiografia dos anos 1980, que apresentava o povo quebequense como estático e enraizado em suas tradições, é subvertida, sendo esta imagem substituída pela do quebequense como um ser “[...] racional, aberto à influência dos outros, participante das mudanças globais e distante do poder autoritário” (1996, p. 32, tradução nossa). Ou seja, a grande narrativa historiográfica, que caracterizava o quebequense como predominantemente vinculado ao meio rural, guardando resquícios dos tempos em que a nação era colônia

(primeiramente francesa e depois inglesa, até 1758), é agora substituída por uma historiografia que o projeta como membro de uma coletividade pluralista. O Outro (inglês e/ou anglófono), que era vislumbrado como ameaça, é agora percebido como diversidade enriquecedora; a afirmação de que o Canadá (e também o Quebec) tinha dois “pais” fundadores – os franceses e os ingleses – é agora modificada e uma herança heterogênea é proclamada (britânica, francesa, ameríndia, americana, migrante etc.).

Essas reinterpretações do percurso histórico – ora como espelho e ora como eco – trazem, na opinião do historiador, alguns problemas. Colocar os quebequenses nos parâmetros do devir universal não deixa de apagar de algum modo o aspecto da dupla colonização e da questão que foi definida como o grande problema identitário no Quebec, que é o da “falta” (*manque*) que gerou, nos anos 1960, a Revolução Tranquila, quando germinou o anseio de autonomização e até de separatismo. Jocelyn Létourneau critica essas manipulações do passado histórico que tentaram desconstruir a representação do quebequense como “sujeito vencido e desmoralizado”, para construir outra de “sujeito realizado e ambicioso”.

No fundo, Jocelyn Létourneau recrimina a ideia de construção “*d’un grand récit*” (grande narrativa) para o Quebec, na medida em que não existe “uma grande narrativa totalizadora”, mas vários episódios e que a construção identitária é um processo que jamais está verdadeiramente concluído. A aceitação do outro em sua diversidade e o estabelecimento da relação, é uma trajetória *in progress*. Em geral o nó da questão está, segundo o autor, na tentativa de apagamento do papel-chave da Revolução Tranquila (1960) que transformou os quebequenses em atores de sua própria construção identitária. A narrativa idealizada dos historiadores que passaram a construir uma imagem positiva e vitoriosa do quebequense apaga, de certa forma, o fato de que foi pela Revolução Tranquila que a comunidade tomou as rédeas de seu destino, passando a comandar sua própria historicidade, minimizando o grande trauma que foi a derrota frente aos ingleses, em 1759, na batalha que ficou conhecida como “*La bataille des Plaines d’Abraham*”.

### **Ambivalência da coletividade quebequense**

Em *Que veulent vraiment les Québécois?* (2006) e em *Le Québec, les Québécois* (2004), dois pequenos ensaios que pretendem atingir um público maior do que aquele de seus livros teóricos, Létourneau ataca

a questão crucial da ambivalência dos membros de sua comunidade de pertença. Esse tema da ambivalência já havia sido estudado por ele em publicações anteriores, como *Passer à l'avenir* (2000), onde se constata a ambivalência como atitude característica de canadenses, canadenses franceses e quebequenses em razão principalmente de uma história marcada pela dupla colonização.

Já na capa de *Que veulent vraiment les Québécois?* veem-se figuras portando lentes de duas cores: uma azul (representação do governo de Quebec) e outra vermelha (representação do governo federal do Canadá). A partir dessa pista inicial, o leitor fica preparado para a fina análise que o autor faz entre “a intenção nacional” no Quebec (francês) de ontem e de hoje e a tentação de pertença à federação. De maneira muito sagaz, o autor não critica tal postura, que revela aparentemente indecisão ou incapacidade dos quebequenses de se assumirem enquanto membros de uma coletividade e de pensarem sobre seu destino comum. Létourneau tira partido dessa *movência* coletiva que apontaria para o caráter plurívoco da comunidade. Nesse sentido, a ambivalência não seria a expressão da indecisão diante da postura nacionalista (e até mesmo separatista) e a da opção pela permanência como uma das províncias canadenses, mas a da possibilidade de escolha ou de favorecimento de uma solução intervalar, na fenda do binarismo.

À época da publicação da obra, o autor apontava quatro saídas possíveis<sup>4</sup> para esta certa ambivalência dos quebequenses, permitindo-lhes “seguir seu caminho para o futuro” como escreve o autor:

1. Deixar de conceber a situação atual como “crise”, na medida em que a coletividade não cessa de debater as questões ligadas à sua historicidade e à sua identidade.
2. Pensar a sociedade quebequense em termos de futuro, no sentido apontado por F. Dumont, que afirmava que a construção do Quebec deveria se fazer na encruzilhada da História e da Memória a fim de “oferecer à sociedade as condições de sua perpetuação no tempo”.
3. Aceitar a ambivalência, no sentido do passeur (atravessador) ou do tradutor que não mantém as duas línguas com as quais trabalha em situação de separação, mas cujo objetivo é torná-las compreensíveis uma para a outra, criando passarelas para favorecer confluências e equivalências.
4. Abandonar a utopia de que existe uma solução única definitiva

e permanente; talvez o sentido da busca esteja no próprio percurso da busca, na inquietação que une a comunidade e em sua mobilidade, do que propriamente no ponto de chegada. (LÉTOURNEAU, 2006, p. 149, tradução nossa).

Em *Le Québec et les Québécois* (2004), Létourneau confirma seu modo polêmico de interpretar a história do Quebec, destacando seu percurso original e minimizando a questão da ambivalência criticada pela maioria de seus colegas historiadores. Ao invés de pensar seu país em termos de evolução – em direção ao melhor ou ao pior – ele faz a opção de

[...] iluminar os processos imbricados e ambivalentes, dissonantes e divergentes, singulares e universais através dos quais a sociedade e a coletividade quebequenses se constituíram e se elevaram no tempo em uma espécie de indeterminação invejável que faz com que o futuro dos quebequenses permaneça aberto aos projetos plurívocos de seus habitantes. (LÉTOURNEAU, 2004, p. 5, tradução nossa)<sup>5</sup>.

### **Multi, inter e transculturalismo**

Sabemos que o multiculturalismo é política de Estado no Canadá, prevendo a liberdade das diferentes comunidades de imigrantes de manter sua língua, seus hábitos culturais e sua religião, desde que tal diversidade venha a convergir para uma intenção de pertença a uma nação – o Canadá – que se autorrepresenta como multicultural.

O Quebec é a única das províncias canadenses que adotou o interculturalismo como política de *accomodement raisonnable* (acomodação razoável) das comunidades étnicas em presença na província do Quebec, prevendo igualmente a liberdade religiosa e cultural, desde que a opção para a educação dos filhos seja em escolas de língua francesa (gratuitas). É incentivada a síntese, ou seja, o consenso em torno de assumir uma identidade quebequense. Em outras palavras – como prevê a proposta da interculturalidade – da diversidade deve-se caminhar para uma síntese, um diálogo intercultural que deverá desembocar na intenção de pertença a um estado-nação francófono, que é o Quebec.

Embora sem enfatizar o conceito de transculturalidade, os textos mais recentes de Jocelyn Létourneau deixam a porta aberta para essa

possibilidade de coexistência na diversidade, mas em perspectiva relacional. Na transculturação, há passagens entre as culturas com fertilização recíproca e com a produção de objetos culturais novos.

Em *Que veulent vraiment les Québécois?* o pesquisador quebequense apresenta a ideia de “passagem”:

Essa ideia de passagem é, aliás, fundamental na experiência histórica quebequense. Poderíamos com facilidade mostrar que a figura do passeur é uma das que se ajustam melhor ao Sujeito coletivo quebequense, inclusive na época em que o chamavam de Canadien. Por passeur entende-se aquele que se desloca, se muda, agita-se, oscila, movimenta-se e muda; aquele que desequilibra, disjunta, dessincroniza, discorda e separa; aquele que bifurca, desliza, escorre, rola, patina, vai e vem; aquele que transpõe, troca, converte, inverte, transforma e modifica; aquele que importuna, incomoda, perturba, atrapalha e contraria; aquele enfim que arranja, repara, conserta, reconcilia, volta e rejunta. (LÉTOURNEAU, 2006, p. 152, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Essa citação nos permite concluir que, para além das políticas do estado federal (o multiculturalismo) e provincial (o interculturalismo quebequense), o pesquisador vislumbra o transculturalismo como saída possível para o impasse quebequense, por sua característica de passagem, de ir além e, sobretudo, de reconhecimento do Diverso e abertura para a Relação com o Outro.

O elogio que faz da ambiguidade, contudo, vem sendo alvo de inúmeras críticas que apontam para o caráter pernicioso da indecisão que tende a se tornar paralisante, podendo “[...] transformar-se em refúgio da complacência ou em estandarte da honra dos fracos” (CORNELLIER, 2004, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Uma das lições a serem tiradas das assertivas de J. Létourneau é a da importância que ele dá ao passado, ou seja, à herança memorial. A rememoração desse passado ilumina o presente e pode apontar a continuação possível – *“suite possible”* no dizer do autor (2006, p. 13). A continuação possível está no trabalho da memória, contudo a memória tem “pesadas cortinas”, como refere o poema de St. Denis Garneau, que é preciso limpar e desempoeirar (Cf. LÉTOURNEAU, 2000), de tempos em tempos, para melhor podermos olhar o que existe fora e além de nossa realidade.

*La mémoire qu'on interroge  
A de lourds rideaux aux fenêtres  
Pourquoi lui demander rien?*  
(GARNEAU, St. Denis. Monde irrémédiable désert)

Um possível interpretativo do conjunto da obra de Jocelyn Létourneau é a de que uma comunidade não pode esquecer seu passado e o conjunto de dados que compõem sua memória coletiva, pois eles conformam o substrato de sua identidade, assegurando a herança a ser transmitida e garantindo a passagem para o futuro (*passer à l'avenir*). Simplesmente manipular o passado, projetando imagens positivas, sem realizar o trabalho da memória, não garante uma construção identitária que assegure a mediação para futuro.

*Reste comme horizon libérateur, l'obligation de penser l'impensable et celle de venir à bout de l'impossible. Tel est, en accord avec la philosophie générale inspirant cet ouvrage, un héritage possible à transmettre aux descendants*<sup>8</sup>.  
(LÉTOURNEAU, 2000, p. 167).

Será pela reinvenção de novas relações com a cultura de origem “[...] *comme mémoire et comme horizon, que sera éventuellement redéfinie l'identité québécoise*” (LÉTOURNEAU, 1998, p. 381)<sup>9</sup>.

## Referências

CHOQUET, S.; LÉTOURNEAU, J. Le Québec une autre Amérique, dossier. *Cités: philosophie, politique, histoire*, Paris, Presses Universitaires de France, n. 23, p. 11-184, 2005.

CORNELIER, L. Le Québec de Jocelyn Létourneau. *Le Devoir*, Montréal, 16-17 jun. 2004.

DUMONT, F. *L'avenir de la mémoire*. Québec: Nuit Blanche, 1995.

GARNEAU, St. D. Monde irrémédiable désert. In: MAILHOT, L;

NEPVEU, P. (Org.) *La poésie québécoise des origines à nos jours*. Montréal: Les Presses de l'Université du Québec et Hexagone, 1981. p. 257-258.

IMBERT, P. Transactions/trans-actions. In: FONTILLE, B.; IMBERT, P. (Org.). *Trans, multi, interdisciplinarité, trans, multi, interdisciplinarité*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2012. p. 55-80.

JEWSIEWICKI, B.; LÉTOURNEAU, J. (Org.). *L'Historie en partage: usages et mises en discours du passé*. Paris: L'Harmattan, 1996.

LÉTOURNEAU, J. (Org.) *La question identitaire au Canada francophone: récits, parcours, enjeux, hors-lieux*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1994.

\_\_\_\_\_. *Ferramentas para o pesquisador iniciante*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. "Impenser" le pays et toujours l'aimer. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. CV, p. 361-381, 1998.

\_\_\_\_\_. *Je me souviens: le passé du Québec dans la conscience de sa jeunesse*. Montréal: Fides, 2014.

\_\_\_\_\_. *Le Québec, les Québécois: un parcours historique*. Québec: Fides, 2004.

\_\_\_\_\_. *Les années sans guide: Le Canada à l'heure de l'économie migrante*. Montréal: Boréal, 1996.

\_\_\_\_\_. *Passer à l'avenir: histoire, mémoire, identité dans le Québec aujourd'hui*. Montréal: Boréal, 2000.

\_\_\_\_\_. *Que veulent vraiment les Québécois?* Montréal: Boréal, 2006.

## Notas

1. Professora permanente do PPG-Letras UFRGS e do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle, Canoas, RS, Brasil. Pesquisadora 1b do CNPq. E-mail:

zilabster@gmail.com.

2. “[...] à margem da história pensada e talvez pensável do país ao qual ele pertence” (LÉTOURNEAU, 1998, p. 364, tradução nossa).

3. “nós outros, os quebequenses”, expressão que denota uma necessidade de autoafirmação coletiva entre os quebequenses que nutriam um sentimento de comunidade francófona minoritária no âmbito do Canadá majoritariamente anglófono.

4. Até o momento de finalizar o presente artigo, não pude ter acesso à obra mais recente de J. Létourneau de 2013. Por isso, as conclusões ficam restritas a suas posições de seis anos atrás.

5. *Plutôt que de préconiser une ligne interprétative où tout évolue vers le meilleur ou vers le pire, nous avons choisi de mettre au jour des processus entremêlés et ambivalents, dissonants et divergents, singuliers et universels par lesquels la société et la collectivité se sont formées puis élevées dans le temps, et ce, dans une espèce d'indétermination enviable qui fait que, hier comme aujourd'hui, l'avenir des Québécois a été et reste ouvert aux projets plurivoque de ses habitants.* (LÉTOURNEAU, 2004, p. 5).

6. *Cette idée de passage est d'ailleurs cardinale dans l'expérience historique québécoise. On pourrait sans peine montrer que la figure du passeur est l'une des celles qui séent le mieux au Sujet collectif québécois, y compris à l'époque où il s'appelaient Canadien. Par passeur, on entend ici celui qui se déplace, déménage, bouge, oscille, se meut et change; celui qui déséquilibre, disjoint, désynchronise, désaccorde et sépare; celui qui bifurque, glisse, coule, roule, patine, se faufile, va et vient; celui qui transpose, permute, convertit, inverse, intervertit, transforme et modifie; celui qui importune, ennue, trouble, gêne et contrarie; celui, enfin, qui arrange, répare, raccorde, réconcilie, revient et rejoint.* (LÉTOURNEAU, 2006, p. 152).

7. “[...] quand elle se transforme en refuge de la complaisance ou en baroud d'honneur du faible” (CORNELLIER, 2004).

8. Sobre como horizonte libertador, a obrigação de pensar o impensável e a de chegar ao impossível. Esta é, de acordo com a filosofia geral que inspirou esta obra, uma herança possível de ser transmitida aos descendentes. (LÉTOURNEAU, 2000, p. 167).

9. “[...] como memória e como horizonte, que será eventualmente redefinida a identidade quebequense” (LÉTOURNEAU, 1998, p. 381, tradução nossa).

